

SPBdePA Entrevista

Ricardo Avenburg¹

Ricardo Avenburg, psicanalista argentino, foi o nosso convidado de honra para o II Encontro sobre a Obra de Freud, em novembro de 2014, na sede da SBPdePA. Além de ser psicanalista didata da APA, membro fundador e didata da APdeBA e membro fundador da Sociedade Psicoanalítica del Sur, também atuou como docente de Teoria Psicoanalítica na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Ayres, e foi professor de psicoterapia no Instituto de Psicoterapia de Gotemburgo, Suécia.

Ricardo é um profundo conhecedor da obra freudiana, tendo entre seus escritos, os livros: *El aparato psíquico y la realidad*, *Breve historia del pensamiento de Freud* e *Psicoanálisis: perspectivas teóricas y clínicas en Conversaciones con Freud* (este último, recentemente lançado). Pessoalmente, mostra uma atitude aberta a aceitar a complexidade humana, e convida a deixar-nos impactar pela surpresa, pelo acontecimento, pelo inesperado. Com grande sabedoria e uma postura absolutamente democrática, não hierarquizada, ele aprecia o diálogo acima de tudo, sempre evitando os pensamentos pré-formados.

Durante o encontro sobre Freud, foram realizadas inúmeras perguntas ao professor Avenburg por membros de nossa sociedade e convidados. Para esta entrevista, baseamo-nos em algumas destas perguntas.

1. SBPdePA – Um dos méritos de Freud foi ter construído uma teoria, uma metapsicologia centrada na clínica. Tendo em vista o complexo de Édipo, como o pilar da construção subjetiva, e pensando na obra de Freud, estas patologias contemporâneas onde não há conflito psíquico recalcado, como no caso das bulimias, anorexias, toxicomanias e fenômenos psicossomáticos, como poderiam ser entendidas?

¹ Psicanalista. Didata e fundador da Associação Psicoanalítica de Buenos Aires.

R.A – O complexo de Édipo não é o pilar de toda a construção subjetiva: a repressão do complexo de Édipo e seu fracasso são o fundamento das neuroses. A construção subjetiva parte da alucinação desiderativa, passando pelo ego real primitivo, o ego de prazer purificado e o ego real definitivo, que se constituem previamente e, pouco a pouco desembocam no complexo de Édipo. O mesmo se passa com o desenvolvimento do pré-consciente (o menino de 3 ou 4 anos expressa verbalmente seus desejos sexuais). O conflito psíquico reprimido é universal (geneticamente determinado) e a dita repressão é o fundamento do período de latência.

Com respeito às patologias contemporâneas: sobre este tema teria que fazer um estudo de alto espectro, que integre as patologias que se dão no mundo inteiro, assim como no decorrer da história. Não creio que o que vejo no consultório me permita conhecer o panorama mundial das patologias contemporâneas. Em relação aos casos de Freud, vejo menos neuroses sintomáticas hoje. Ángel Garma nos dizia (anos 60, aproximadamente) que na Europa via mais neuroses obsessivas e na Argentina, mais fobias. Hoje fobias se veem, por exemplo, em relação aos aviões, entre outras.

De qualquer forma, o fato de que, pelo menos nesta parte do mundo, vejamos menos neuroses sintomáticas creio que tem que ver com uma menor repressão genital e uma maior satisfação instintiva. Sugere que o instinto não requer caminhos deslocados para manifestar-se em forma encoberta. Ainda que, às vezes, podem observar-se situações de ansiedade ou depressão vinculadas a carências genitais, ou seja, neuroses atuais.

Em relação aos outros quadros mencionados: teria que estudá-los, cada um em sua especificidade, porém podem ser manifestações contemporâneas de quadros mais universais, como cisões do ego e/ou patologias narcisistas.

2. SBPdePA – Freud se dizia insatisfeito com suas colocações a respeito da sexualidade feminina. Levando-se em conta que a mulher de hoje é muito diferente da mulher da sua época, o que o senhor acrescentaria ou reformularia na teoria freudiana sobre a sexualidade feminina?

R.A – O tema da sexualidade feminina deve ser tratado desde um ponto de vista interdisciplinar: psicanalítico, a partir das experiências individuais (com cada analisanda em particular), sociológico (a sexualidade feminina na atualidade em geral), histórico (nas diferentes épocas da história) e antropológico (a mulher com suas características essenciais). Nos conceitos de Freud, creio que este integra sua experiência psicanalítica com uma visão

antropológica (teríamos que analisar detalhadamente seu desenvolvimento teórico).

O objetivo da sexualidade é a procriação (conservação da espécie), na qual mulher e homem aportam suas potencialidades específicas, o que envolve uma diferenciação anatômica. A questão é como cada sexo assume tais diferenças. Um período significativo nesse processo de assunção é o genital infantil (o fálico) da sexualidade infantil, momento em que a excitação sexual se concentra nos genitais, que também é objeto de investigação da criança. Aqui aparece como pergunta lógica: por que os meninos têm pênis e as meninas não? Segundo Freud, essa pergunta, vinculada à inveja do pênis e à angústia de castração (incorporada pela herança genética a partir da instauração do totemismo), fica congelada durante o período de latência, para ressignificar-se na puberdade, no sentido de que cada um dos sexos cumpre uma função necessária e nenhum é superior ao outro.

Creio que aqui o problema transcende a mulher e se estende a toda humanidade que, segundo minha forma de ver, segue fixada aos 4 anos e se pergunta qual é o melhor cantor, o melhor esportista, a quem premiar com o Oscar ou o prêmio Nobel, ou seja, quem possui *o maior* (você certamente imaginam a que me refiro) e não reconhece o valor das diferenças e a riqueza específica de cada indivíduo.

3. SBPdePA – Freud postulou que na resolução do Édipo, uma parte é reprimida e uma outra parte naufraga. O que seria este naufrágio? Seria a identificação?

R.A – Não fica claro a que Freud se refere com o conceito de naufrágio. Usa diferentes palavras como sinônimos: Untergang (ruína, naufrágio), zerstörung (destruição), Aufhebung (abolição, supressão), Zugrundegehen (perecer, ir a pique). O significado comum seria a destruição; naufrágio seria uma metáfora.

Ele relaciona a destruição com a sublimação e a desfusão instintiva. Chama a atenção que a sublimação, até agora expressão mais alta da criatividade (ver *Leonardo*) e que teria que ser produto de uma mescla de instintos, seja produto de uma desfusão que está vinculada a uma destruição (do complexo de Édipo).

Não encontrei a resposta em Freud. Minha reflexão é que a sublimação (do latim: *sublimis*: que está no Dicionário Vox), sendo expressão da destruição do complexo de Édipo, é expressão de uma destruição de representações coisa, processo característico da esquizofrenia.

A sublimação seria uma criatividade estéril (a verdadeira criatividade não pode não ser erótica), dessexualizada (Freud desde o princípio caracterizou-a como expressão de um instinto sexual dessexualizado) imposta pelo superego

que já não precisa reprimir porque matou seu inimigo, o complexo de Édipo, e o desbiologizou com a desfunção instintiva. A sublimação seria uma restituição psicótica imposta por mandatos culturais derivados do totem (a vingança do pai assassinado).

No entanto, tudo isso é uma reflexão minha e não tenho ideia sobre se Freud me acompanharia, porém ele é o responsável destas deduções a partir de suas asseverações.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud propõe que a passagem do autoerotismo ao narcisismo pressupõe um novo ato psíquico. O narcisismo, nesse momento da obra de Freud, é a culminação do autoerotismo, na qual as satisfações parciais de cada zona erótica se integram sob a primazia fálica (a partir do meu ponto de vista, o novo ato psíquico seria a masturbação genital).

Entretanto, Freud, a partir dos artigos metapsicológicos de 15, vai estender o conceito de narcisismo a todo o desenvolvimento da sexualidade infantil e chamará autoerotismo à atividade sexual própria do período narcisista. Com respeito ao ego, este irá se configurando a partir do ego real primitivo, que vai se organizando a partir do narcisismo original, no qual a criança ainda não diferencia entre ego e objeto.

O *olhar da mãe* (entendo que é uma expressão metafórica, porém aqui a tomo ao pé da letra) adquire significado para o bebê a partir de um ego que pode diferenciar um olhar que vem a partir do objeto: previamente são o tato, o calor, o olfato e o gosto. A vista adquire um lugar central *a posteriori* (Freud: *As Afasias*).

4. SBPdePA – Existe um narcisismo secundário como normal no desenvolvimento? Segundo Freud, não se pode encerrar o tratamento analítico sem a análise da transferência negativa. Quando isto não ocorre, incidimos no narcisismo do analista?

R.A – Os conceitos de primário e secundário mudam de sentido em Freud, segundo o nível em que sejam considerados (com o narcisismo acontece o mesmo que com a repressão ou a defesa primária e secundária ou com a identificação primária e secundária).

A libido narcisista segue investindo o ego em pleno estágio objetual: pode incrementar-se ante qualquer situação desencadeante (quando o ego do sujeito está em jogo) ou em caso de uma regressão libidinal generalizada (esquizofrenia, por exemplo).

Segundo o meu ponto de vista, o que decide o término do tratamento são, antes de mais nada, considerações clínicas que, é claro, não excluem

considerações psicopatológicas ou metapsicológicas. Entretanto, estas últimas não são determinantes de tal decisão. Será que o meu narcisismo tem algo a ver com isso?

A análise da transferência negativa, mais precisamente da transferência reprimida que se manifesta na consciência de um modo distorcido é um dos muitos fatores que intervêm na análise; porém, por que não a análise da transferência erótica ou positiva reprimida?

São essas transferências que podem dirigir-se ao analista ou a qualquer outra pessoa (ou animal) do contexto de vida do analisando e que merecem ser trabalhadas quando se tornam perturbadoras das ações específicas do paciente.

5. SBPdePA – O Sr. mencionou que o autoerotismo é pouco tratado na obra de Freud. Pensando na passagem do autoerotismo para o narcisismo como um estágio de integração, Freud, quando se refere a fetichismo, em divisão do ego, ele não estaria de alguma forma retomando pelo sentido inverso o processo do autoerotismo, quando ele fala em estados já não integrados como, por exemplo, a dissociação e a cisão? De alguma forma ele não estaria retomando o autoerotismo? E isto que chamamos de patologias do narcisismo não seriam na realidade patologias autoeróticas, pois seu funcionamento se caracteriza muito mais por um estado de não integração do que por um estado integrado?

R.A – Não recordo quando nem em que contexto disse que o autoerotismo é pouco tratado na obra de Freud; sim, talvez, no sentido de que Freud deixa de definir o autoerotismo como uma etapa e, como disse antes, passa a defini-lo como a atividade sexual própria da etapa narcisista.

Sobre a questão da cisão do ego, na qual o fetichismo está incluído e, creio, também o que hoje se chama psicopatia e, na psiquiatria clássica *loucura moral*, está em jogo uma patologia do ego e, portanto, uma patologia narcisista, na qual, estabelecendo uma analogia com a política, no lugar de um sistema repressor (exemplos não faltam, nem no mundo, nem na América Latina) há um duplo governo que atua simultaneamente (como na Espanha com o franquismo e a República Espanhola): uma parte desconhecendo a angústia de castração e a outra, experimentando uma crise de angústia aparentemente imotivada (reage, sem dar-se conta à ameaça de castração).

6. SBPdePA – A nossa questão tem a ver com o narcisismo e a imagem. Observando a clínica, o senhor considera que hoje se confunde com narcisismo,

o que poderiam ser pacientes predominantemente neuróticos, com traços histéricos, preocupados com a questão da imagem, com a vaidade ou com aquilo que Freud descreve como desejo ambicioso, relacionado por ele com o erotismo fálico-uretral? Entrando um pouco nas relações do narcisismo com as estruturas clínicas, seriam duas situações muito comuns: uma visão do narcisismo onde apareceriam mais aspectos histéricos, a vaidade, a importância do aspecto estético, principalmente na mulher; e a questão do desejo ambicioso no homem, expressão do erotismo fálico-uretral, que muitas vezes se confundiria com uma expressão narcísica. O que o senhor pensa sobre isto?

R.A – Com respeito ao fato de se existem ou não pacientes neuróticos, fiz algumas referências na pergunta 1. Eu prefiro chamar de neuroses as neuroses sintomáticas e não estendo esse termo a traços de caráter, o que faz com que o seu sentido se torne muito difuso (e confuso).

Isso não quer dizer que o conflito neurótico ou a disposição ao mesmo não seja um fenômeno universal (salvo em pacientes muito regressivos) que se manifesta no fato de que os sonhos (salvo nas crianças previamente ao período de latência) expressem desejos encobertos que requerem ser interpretados e que existam atos falhos e sintomáticos.

Por outro lado, o narcisismo, ou seja, o ego investido de libido é o esperado em todo o sujeito medianamente são, salvo no caso da patologia narcisista, na qual a estrutura do ego está danificada e, portanto, não adequadamente investida pela libido. A exagerada vaidade e a exagerada ambição nos mostram um ego invadido pela quantidade e não adequadamente investido libidinalmente (a vaidade e a ambição não são necessariamente patológicas, mas dependem de sua adequação às ações específicas que o ego queira realizar).

7. SBPdePA – O senhor acredita que a psicanálise precisaria debater mais o conceito de pulsão de morte com as ciências correlatas a fim de aperfeiçoar e adequar aos preceitos científicos a sua teoria?

Se Freud vivesse nos dias atuais, ainda pensaria a Pulsão de Morte para explicar o masoquismo, a destrutividade, a compulsão à repetição e a reação terapêutica negativa?

R.A – Antes de mais nada e, além de responder temas derivados, quero expressar como considero a teoria dos instintos desenvolvida por Freud, ainda que nem sempre coincidindo com seu pensamento (mas sempre em diálogo com ele).

Na *Crítica da razão pura*, Kant diz que a psicologia está (ou estava) ainda nos braços da filosofia e ainda não havia crescido suficientemente como para ser uma ciência independente. Creio que com Freud esse passo se deu. Sigo com Kant (sintetizo tal como o entendo).

Toda a ciência e todo o conhecimento nascem com a experiência a partir da qual se constituem juízos (sintéticos). Entretanto, esgotada a experiência, a razão quer seguir pensando (com juízos analíticos), perguntando-se pelo sentido, pela origem das coisas e não conta com mais elementos do que desenvolvendo seus próprios juízos.

Os resultados desse desenvolvimento do pensamento puro seriam *regulativos* e não *constitutivos*: não podem reclamar a existência real como os que resultam da experiência (constitutivos), mas que nos servem para nos localizarmos no mundo.

Após ter tratado de pensar a psicologia a partir da neurologia (*Projeto para uma psicologia*) e ver, desde aí, a impossibilidade de entender os atos falhos e os sonhos, Freud disse (ou assim o imagino): “Vou inventar um aparelho por meio do qual possa entender esses fenômenos” e construiu o esquema do aparelho psíquico do capítulo VII de *A interpretação de sonhos*.

Com isso, introduziu-se no campo da razão pura (sem por isso deixar de lado os achados da experiência) que se estendeu ao longo de toda a metapsicologia. Aqui entra a teoria dos instintos, que parte, em *Além do Princípio do Prazer*, da primeira célula vivente. É especulação pura e filosofia no melhor sentido da palavra, o que lhe permite entender a biologia em sua essência.

Aqui me insiro na filosofia e introduzo Hegel e seu pensamento dialético, que creio ser também de Freud, sem que ele mesmo tenha-se dado conta.

Hegel em sua *Lógica* e em sua *Enciclopédia de ciências filosóficas* faz-se a pergunta: *O que é o ser?* E se responde que o ser é tudo, abarca a totalidade, portanto não tem limites.

No entanto, para que o ser seja algo tem que estar determinado, ter limites: é isso e não é aquilo. Porém, o ser é a totalidade, não está determinado por nada, portanto, o ser não é nada: o ser é o nada e o nada é o ser.

O nada e o ser são o mesmo e, ao mesmo tempo, não são o mesmo e, a partir dessa tensão entre o ser e o não ser surge o porvir e o cosmos. Essa dialética entre o ser e o não ser (o nada) se expressa no vivente sob a forma de vida e morte: viver é morrer e morrer é viver, vida e morte são o mesmo e, ao mesmo tempo, não são o mesmo.

O ser e o nada, em nível cósmico, são vida e morte em nível biológico. No que não estou de acordo com Freud é que não tenha se mantido em nível

especulativo e tenha tendido a aplicar imediatamente os conceitos de instinto de vida e de morte ao campo da clínica, na qual, salvo no momento em que a vida passa a ser nada (a morte) nos manejamos com mesclas em distintos níveis de organização.

Os instintos de vida e de morte representam a dialética do ser e o nada no ser biológico. Os instintos de autoconservação (a conservação do indivíduo biológico) e os sexuais (conservação da espécie viva) representam a dialética entre a parte e o todo.

Em seus começos, a reprodução, enquanto divisão celular, coincide com a fusão e desaparecimento, enquanto indivíduos das células que se integram nessa nova organização. Porém, no desenvolvimento das espécies vivas, os indivíduos se perpetuam (autoconservação) logo da reprodução sexual: aqui se impõe a dialética, não entre o ser e o não ser, mas entre a parte (instinto de conservação) e o todo (a sexualidade ou conservação da espécie).

Tudo isso que acabo de desenvolver existe na realidade? São juízos constitutivos? Não sei, mas permitem-me entender melhor os conceitos de Freud em particular (e talvez melhor que ele, desculpem-me a presunção) e a vida em geral.

Creio que o dito serve como resposta, não direta, mas global, à pergunta.